

Laura Amazonas e sua contribuição para a construção das escolas espíritas

Rosemeire Siqueira de Santana¹

Laura Amazonas: their contribution to the construction of Spiritualist Schools

Abstract

This study is part of a master's research which aimed to record the presence of Laura Amazonas Dr. Laura Amazonas, in construction of spiritualist schools in Sergipe – Aracaju. The spiritualist educational institutions marked the History of Brazilian Education, in the early twentieth century, after the signing of the fundamental document of doctrine. Doctor Laura Amazonas was committed with the teachings of the spiritualist doctrine, mainly those related the charity to poor childhood, she idealized the construction of a place to put into practice spiritualist pedagogy, thought by Allan Kardec, with the intention of forming ethical men. She was responsible for the construction of two spiritualist schools: the Lívio Pereira and the Casa do Pequenino. These institutions are part of the Spiritualist Education History in Sergipe.

Keywords: Laura Amazonas, Spiritualist School, Spiritualist Pedagogy.

Resumo

Este estudo é parte de uma pesquisa de mestrado que teve como propósito registrar a presença da doutora Laura Amazonas, na construção de Escolas Confessionais Espíritas em Sergipe - Aracaju. As instituições educativas nos moldes do espiritismo, tiveram o seu marco na História da Educação Brasileira, no início do século XX, após assinatura do Documento Base da Doutrina. A odontóloga, seguidora comprometida com os ensinamentos propostos pelo espiritismo, principalmente aqueles que envolviam a caridade para com à infância pobre, começou a idealizar a construção de uma estrutura, onde seria colocada em prática a Pedagogia Espírita, pensada por Allan Kardec, como forma de construir homens éticos. A odontóloga fincou sua marca na edificação de duas escolas espíritas: a Lívio Pereira e a Casa do Pequenino. Essas instituições contribuíram para a História da Educação Espírita no estado de Sergipe.

Palavras-chave: Laura Amazonas, Escolas Espíritas, Pedagogia Espírita

1 Licenciada em Pedagogia pela Faculdade São Luís de França – FSLF, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre História do Ensino Superior – GREPHES, Professora da Rede Pública Estadual de Educação – SEED e da Rede Pública Municipal de Estância – SEME. E-mail: r-siqueira-santana@bol.com.br



Introdução

O estudo da implantação de Escolas Espíritas nos ajudam a ver as formas de educação implementadas por outros organismos religiosos, que não católicos e protestantes. Abrir uma escola de confissão espírita em uma sociedade católica, foi um grande desafio para os primeiros idealizadores do projeto. Entender a concepção para a construção de Escolas Confessionais Espíritas em Aracaju, a resistência em torno desses estabelecimentos são importantes para a História da Educação em Sergipe.

A ideia de implantações de escolas espíritas pelo Brasil teve seu marco com o pensamento de Anália Franco², juntando-se à disposição de Leopoldo Cirne³ de enfrentarem à Igreja Católica. Assim, a educadora e Cirne viram na aprovação e assinatura do Documento Base da Organização Espírita que determinava, a construção de escolas espíritas ao lado de cada Centro, ficando sob a responsabilidade do mesmo o gerenciamento da instituição, a possibilidade de trazer para à cena do país a propagação e legitimação da doutrina espírita, por meio de ações caritativas. A condução dessas escolas os levaria a dois caminhos: atenderem a orfandade e crianças carentes, com a construção de asilos; reduzirem o índice de analfabetismo, com a edificação de escolas que proporcionariam o conhecimento da leitura, servindo de base para a retirada das crianças da margem da ignorância, ao ponto de futuramente fazerem suas escolhas doutrinárias. E, com essas ações, sairiam do anonimato, tornariam-se figuras vistas pela população e pelo poder público que, por vezes, auxiliou com subvenções para concretização das escolas e asilos espíritas.

Sergipe não ficou fora do palco começando a acompanhar este capítulo da história a partir do momento que o espiritismo chegou a essa terra, não se sabe exatamente por onde, o que se sabe é que chegou e fincou

- 2 Anália Emilia Franco nasceu em 1º de fevereiro de 1853, em uma família católica, na cidade de Resende, no estado do Rio de Janeiro. Filha de Antônio Mariano Franco Júnior e Thereza Franco era a mais velha do casal, tendo como irmãos: Antônio Mariano Franco e Ambrosiana Franco. Nasceu no período imperial, cuja a sociedade era altamente conservadora, patriarcal, monárquica e defensora da escravidão. Conhecida na comunidade espírita como a dama da educação brasileira, ao ponto de ser a primeira pessoa a pensar o projeto das Escolas Espíritas. Enquanto esteve à frente da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, construiu mais de 120 escolas e asilos, fundou o Liceu feminino de São Paulo. Na imprensa editou sua própria revista, Álbum de Menina, que tratava de assuntos referentes à educação da mulher; e o jornal Voz Maternal, órgão que repassava para a sociedade, a título de prestação de contas, as atividades realizadas pela Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo.
- 3 Nascido na Paraíba e educado no Recife, comerciante de profissão, desenvolveu sua formação no campo de humanidades, exerceu a presidência da Federação Espírita Brasileira no período de 1900 a 1914. Chegou ao Rio em 1891, com idade de 21 anos, descobrindo o espiritismo e passando a professar a fé espírita, trabalhou ao lado de Bezerra de Menezes, por essa aproximação, passou a conhecer tão bem o funcionamento administrativo da Federação Espírita Brasileira. Seu talento de organizador e a simpatia fizeram com que a FEB vivesse um momento de expansão. Também conduziu a Revista Espírita Reformador, canal de divulgação que contribuiu para formar a identidade do movimento espírita.



suas raízes⁴. Os seguidores da doutrina em Sergipe, envolvidos pelas determinações do documento Base, iniciaram o pensamento na construção de escola confessional espírita. A forma educativa que deveria ser colocada em prática nessas escolas vinham dos princípios educativos de Heinrich Pestalozzi, por dar autonomia e liberdade ao educando com ausência de castigos e punições, a fim de construir um homem ético por meio da dignidade humana, sua característica fundamental, pois traria respeito às pessoas: “criança e aluno, pelas práticas do afeto, amor e carinho, rompendo com o caráter de educação repressora das escolas católicas”.

Laura Amazonas, juntamente com os espíritas sergipanos queriam colocar em prática essa maneira de educar, assim deram início a várias campanhas para a construção das instituições espíritas, não sendo bem vistos pela Igreja Católica que fez uso da sua bandeira, o Jornal A Cruzada, para impossibilitar o crescimento da doutrina e a realização de ações pelo grupo espírita. Os católicos não desejavam perder adeptos e nem queriam que outras religiões dominassem o que até então era domínio seu, a educação religiosa; os espíritas **pretendiam** mostrar, da mesma maneira que os católicos, o seu método de educar.



As escolas espíritas no Brasil

A implantação de Escolas Espíritas⁵, assim como os Asilos Espíritas – focados à assistência de crianças pobres, existiram mais muito pouco se sabe e se fala sobre essas instituições, tanto no campo da infância pobre

- 4 O movimento espírita chegou a Sergipe em meados de 1880, em cidades do interior, e apenas em 1903, se faz presente em Aracaju. Porém, a expansão do Espiritismo em Sergipe ocasionou polêmica, assim como em todo o país, por parte de seguidores de outras religiões. Dessa forma, os espíritas se viram obrigados a afirmarem sua identidade religiosa, e se posicionaram da mesma maneira como a doutrina vinha agindo no Brasil, daí passaram a implantar obras filantrópicas no campo da educação. Conferir: SANTANA, Rosemeire Siqueira de. *Vinde a Mim os Pequenos: História da educação de crianças desamparadas na Instituição Educativa Espírita (1947-1992)*. São Cristóvão, Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2016, p.17. Há estudos anteriores, que apontam as cidades de Estância e Laranjeira como possíveis estradas para a entrada da Doutrina Espírita no estado de Sergipe. Conferir: MENEZES, Eufrazia C. O Espiritismo em Sergipe. In: *Revista Tomo do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. São Cristóvão – Sergipe, n. 1, 2000, Pp. 159-174
- 5 Pesquisas apontam que a primeira Escola Espírita do mundo, como o nome de Spiritualist Progressive Lyceum foi fundada, em 1863 por Andrew Jackson Davis, médium americano, considerado o profeta do Espiritismo. Acreditava ele que cada criança é um ser espiritual único. As classes eram pequenas, não seriadas por idade, e as aulas eram dadas com o método socrático. Ver: <http://www.waymemorial.org>. Acessado em 23 de maio de 2015. Também, existiu uma Escola Espírita na Argentina, Colégio La Fraternidad, fundada em 1880 por Rosa e Antônio Ugarte, cujas atividades se desdobraram até o início do século XX. César Bogo informa que por este colégio passaram em torno de 1500 alunos, e que seu declínio se deu com a morte da fundadora, porém de acordo com esta fonte, o método de ensino era o tradicional, inclusive com distribuição de prêmios e medalhas, ao contrário da proposta educativa espírita. Maiores detalhes conferir: BOGO, Cesar. *1880-1980 Fraternidade Centenária – Síntese de la actividad desplegada em 100 años por la Asociación La Fraternidad*. Buenos Aires, La Fraternidade, 1980, p.82.

brasileira, como da História da Educação do Brasil. Mas é uma prática que vem sendo realizada no país entre a passagem do século XIX ao XX.

Em 1940, o Juiz de Menores do Rio de Janeiro, Saul Gusmão, deu início ao “serviço de recenseamento e fiscalização das casas de proteção à infância. Com esse fim, o curador de menores inspecionou pessoalmente 54 estabelecimentos, 33 deles registrados no Juiz de Menores. Das instituições registradas, 27 eram católicas e 6 espíritas⁶.

Mesmo com um número maior de escolas católicas, se constatou a presença das instituições educativa espírita. Embora, existem indícios que o contingente dessas, era bem maior do que o número apresentado. Porém o medo de perseguições, fizeram com que os espíritas no final do século XIX, omitissem da nomenclatura das instituições o termo “espírita”. Isso, ocorreu nas escolas e asilos mantidos por Anália Franco à frente da Associação Beneficente Feminina e Instrutiva, essa foi uma forma pensada, no intuito de driblar as perseguição que, poderiam ocorrer. Salienta-se aqui que muitos institutos disfarçaram o seu verdadeiro objetivo, com medo da repressão, talvez a postura de Anália em não assumir a associação como um órgão espírita estivesse realmente em torno dessa permissa.

Mas apesar de não assumir a associação como instituição espírita, colaborou com Leopoldo Cirne, construindo o projeto para as Escolas Concessionais Espíritas. Assim, enviou uma possível proposta dessas escolas, para conhecimento, aprovação e pronunciamento da Federação Espírita Brasileira. Cirne relatou que:

Num requinte de cortesia e generosidade, a nossa respeitável irmã se dignou solicitar a nossa opinião e beneplácito. Mas, só podemos ter aplausos para essa obra de incalculável alcance sobre a marcha e o futuro do Espiritismo no Brasil, sendo para desejar que nas capitais de todos os Estados, e mais tarde em todas as cidades do país, essa benemérita iniciativa seja posta em prática, dentro dos moldes de uma orientação esclarecida, porque os seus frutos só podem ser benéficos. A existência de tais Institutos corresponde a uma necessidade insofismável, e tem que ser parte integrante da organização espírita – período que sucederá ao de simples vulgarização, e no qual já nos vamos ensaiando⁷.

6 RIZZINI, Irma. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da Assistência até a Era Vargas. In: PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (orgs.). *A arte de governar crianças*. Rio de Janeiro. Instituto Interamericano Del Nino, Editora Úrsula, 1995, p. 267

7 AZEVEDO, Alexandre Ramos de. Os Espíritas e Anália Franco: práticas de Assistência e escolarização da infância no início do século XX. In: *Cadernos de História de Educação*. São Paulo: v.9, nº. 2. p.294, jul/dez. 2010.

Leopoldo Cirne pretendia que esse modelo multiplica-se, ao ponto de declarar por várias vezes na Revista Reformador. Em 1º de fevereiro ele dirá:

Há muito se faz sentir a necessidade de estabelecimento de educação e instrução peculiares, em que os espíritas possam fazer preparar seus filhos, iniciando-os desde cedo no conhecimento, ao menos, dos princípios gerais desta doutrina que está destinada a transformar o mundo. [...] No Brasil, infelizmente, nada de semelhante possuímos, ou antes, possuíamos. Porque uma louvável iniciativa acaba de ser tomada por nossa digna e respeitável irmã em crença D. Anália Franco, de S. Paulo, eficazmente secundada por seu esposo e também nosso confrade Francisco Antônio Bastos⁸.

No início do século XX, o país vivia um momento em que era notório a necessidade de instruir às crianças, como uma possibilidade de melhoras futuras para o Brasil. E na intenção de diminuir a ausência de conhecimento, os espíritas foram abrindo escolas tanto para crianças como adultos, com o propósito de dá-lhes uma educação dentro dos seus moldes religiosos, desenvolvendo, assim, uma cultura escolar apresentada como:

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas, finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização⁹.

Os adeptos da doutrina queriam deixar registrado, por meio de práticas a sua maneira de educar. O movimento espírita brasileiro comungava de uma preocupação com a educação e além das reuniões de estudo doutrinal e das sessões mediúnicas, nas suas ações “realizavam tarefas cotidianas nas quais o desenvolvimento da educação, da higiene e da saúde tinham papel preponderante¹⁰”. Afirma-se que esse ato contribuiu para a criação das primeiras obras espíritas de benemerência da Federação Espírita Brasileira.

Entretanto, o termo educação começou a ser mais evidenciado na Doutrina Espírita, no Brasil, durante o período de 1900 a 1913, época em que Leopoldo Cirne, esteve à frente da FEB – Federação Espírita Brasileira, assumindo a sucessão de Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcan-

8 Conferir: AZEVEDO, Alexandre Ramos de. Os Espíritas e Anália Franco: práticas de Assistência e escolarização da infância no início do século XX. In: *Cadernos de História de Educação*. São Paulo: v.9, nº. 2. p.303, jul/dez. 2010.

9 JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. In: *Revista Brasileira de História da educação*. Campinas: Editora Autores Associados n. 01 jan/jun 2001, p. 10.

10 AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009, p. 163



ti que já havia estruturado a doutrina no tocante religioso, porém ao seu sucessor coube principalmente, dinamizar as ações educativas junto a federação e expandi-las. Cirne com essa atitude, levava em consideração o fato da educação na visão de Allan Kardec ser vista como fundamental para o progresso do homem. Então, Leopoldo pensando na educação como a mola para o desenvolvimento da criança, deu-se início ao processo de implantação de escolas espíritas.

O investimento no campo da educação escolar espírita foi bem menor do que no campo da assistência à infância abandonada; porém a prática de escolarização, após a assinatura do documento Base, tornou-se tão comum na comunidade espírita, a ponto de promoverem a seguinte campanha: “Em cada centro uma escola deve ser o slogan da educação segundo o Espiritismo”¹¹. Essa, então, tornou-se o modelo adotado pelo espiritismo. Ao ponto de Isidoro Santos¹², se expressar: “há desamparados? Lá está o Lar ou o Albergue. Há muito analfabeto? Mas cada Centro tem a sua escola”. Essas instituições foram construídas ao lado dos Centros Espíritas, muitas das vezes em uma arquitetura simples, porém com o propósito de transformar o homem pela educação.

As Escolas Espíritas foram construídas com a meta de reduzir o analfabetismo no país. No início do século XX, a necessidade da abertura de escolas era imprescindível, pois as mesmas assumiram um papel importante na transmissão dos hábitos de higiene, ou da nova forma de convívio da sociedade: a educação instrumento para a vida pública. Com tal atitude estaria colaborando com o projeto nacional de incorporação do povo a nação, ou seja, o homem, depois de educado, estaria preparado para viver em sociedade. A ação educativa realizada pela Federação Espírita Brasileira, estava dando início a construção da representação da educação espírita.

Bastava esta faceta para dignificar uma agremiação que não tivesse outros pergaminhos. Nada existe de mais grandioso do que instruir as multidões ignorantes [...]. E como já dissemos noutra passagem dessa obra, foi a obra educativa que mais nos sensibilizou durante a viagem de amizade e compreensão que fizemos através do Brasil¹³.

A exemplo dessa obra que tanto sensibilizou o visitante brasileiro o português Isidoro Duarte Santos, convém citar como marco histórico a fundação da primeira escola Espírita do Brasil o Colégio Allan Kardec, que foi construído na região do triângulo mineiro, na cidade de Sacra-

11 Conferir: MACHADO, Leopoldo. *O Espiritismo e a Obra de Educação*. 1941

12 Isidoro Duarte Santos, em 1939 fundou com sua esposa, a médium portuguesa Maria Gonçalves Duarte Santos, e dirigiu durante 35 anos em Portugal a revista “Estudos Psíquicos”.

13 SANTOS, Isidoro. *O espiritismo no Brasil: Ecos de uma viagem*. Vol. 1. Rio de Janeiro: J.OZON Editor. 1960, p. 235.

mento, no estado de Minas Gerais, em 31 de janeiro de 1907. Fundado pelo seu idealizador, o educador e espírita Eurípedes Barsanulfo, a instituição escolar assumiu com clareza a orientação espírita.

Figura 2 - Professores e alunos do Colégio Allan Kardec – 1ª Escola Espírita do Brasil. Ano: 1913.



Acervo - Memorial Eurípedes Barsanulfo.

Embora já existissem as escolas conduzidas por Anália Franco e mantidas pela AFBI – Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, não utilizavam o nome espírita deixando obscura a sua real prática. O medo da represália contribuía para essa ação, já que a assinatura do primeiro Código Penal republicano em 1890 acabou reforçando a perseguição em torno da Doutrina Espírita, tornando a prática do espiritismo, por não considerá-lo uma religião. Mesmo com toda perseguição as escolas espíritas foram sendo edificadas, anos depois seguidores da doutrina, viram a educação assistencialista como uma opção para a prática da caridade. E no ano de 1919, em 01 de janeiro, era fundando o primeiro Asilo de Menores denominado espírita, “Asilo Santa Thereza de Jesus”, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, no lar do casal Ernestina e Ignácio Ferreira dos Santos, local esse que funcionava o grupo Espírita Cultivadores da Verdade.

[...] O Grupo Espírita “Cultivadores da Verdade” acaba de fundar um asilo para a infância desamparada, que sem pão, sem lar, sem proteção, e na sua inconsciência é arrastada aos maiores vícios e à prática de atos que deprimem, mercê da frequência e permanência numa escola de crimes e de miséria. O espetáculo triste, doloroso e compungente que se observa nas ruas e praças desta cidade, como de outros centros, de crianças que são aproveitadas para as piores profissões, não é mais do que o resultado do abandono a que são atiradas. Maltrapilhas, esqueléticas, de fisionomia macilenta tisonada pela necessidade, estigmatizadas pela dor e pela opressão, vão esses pobrezinhos pondo em prática as lições dos seus miseráveis professores¹⁴.

Mesmo, não sendo idealizado no documento Base da Doutrina Espírita, os abrigos¹⁵ se materializaram, e depois desse, tantos outros surgiram, e, para os espíritas, a expansão dessas instituições tornavam-se motivo de encantamento. É sabido que durante o século XX houve inúmeras escolas e abrigos espíritas; não podemos negar que “caridade e abrigos para a infância fizeram parte, sim, das disputas hegemônicas no campo social e cultural, mas também integraram o consenso e as parcerias construídas com vistas a superar os problemas da infância brasileira”¹⁶. O certo é que essas instituições foram construídas, por todo o país, e trouxeram para a História da Educação Brasileira e da infância pobre a sua contribuição. Em Sergipe os adeptos do espiritismo também, escreveram essa parte da história, e a construção de Escolas Espíritas no referido estado, teve a contribuição de alguns atores: Martins Peralva, João Resende, José Elson Fontes, Deusdedit Fontes, José Mesquita Neto, Carmem Novais, porém a figura da personagem Laura Amazonas, foi fundamental para a consolidação da implantação de escolas espíritas no estado.



Laura Amazonas: pedra fundamental para as escolas espíritas

O olhar do homem para o tempo vem carregado de registros que marcam a historicidade. São os homens que vão construindo, pouco a pouco, sua visão, e criando sua própria representação das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram a própria história. Então compreende-se que tempo, memória e espaço caminham unidos para a construção de uma História. Assim, Laura Amazonas demarcou na doutrina espírita sergipana o desejo de fundar uma escola dentro dos fundamentos do espiritismo, era um sonho da odontóloga “ter uma escola formal e religiosa espírita”¹⁷, ou seja, desejava implantar um Instituição educativa dentro dos princípios da sua religião.

O desejo de divulgar o conhecimento da doutrina que tem como lema a prática da caridade e amor, estes postulados, foram codificados por Allan Kardec em Paris, que tinha como propósito permitir acesso ao conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e porque está na terra, atraindo para os verdadeiros princípios da lei de

- 15 É salutar atentar para o fato de que as obras educativas espíritas se dividiram em duas vertentes: escolas, asilos e abrigos. As escolas surgiram primeiro, anos depois os espíritas depositaram os seus ideais na construção de casas para asilar a orfanidade, endossados pelo lema: “Fora da caridade, não há salvação”;
- 16 AZEVEDO, Alexandre Ramos de. Os Espíritas e Anália Franco: práticas de Assistência e escolarização da infância no início do século XX. In: *Caderno de História de Educação*. São Paulo: v. 9, nº 2. jul/dez, 2010, p. 294.
- 17 RAMOS, Maurilurdes. Entrevista concedida à autora em 20 de agosto de 2011. Aracaju/SE

Deus e consola pela fé e esperança. Como a Doutora Laura Amazonas era seguidora da Doutrina espírita e acreditava, que esse seguimento deveria ser estudado, analisado e praticado em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional e social; pensando nos dois últimos tópicos e preocupada com o meio que cercava o homem, a Doutora Laura Amazonas sentiu-se motivada para a criação da Casa do Pequenino, a instituição atenderia os menores favorecidos¹⁸.

Da mesma forma, que haviam escolas católicas e protestantes cada uma educando de acordo com os seus preceitos; os seguidores da doutrina, também almejavam ter a mesma oportunidade de mostrar a sua maneira de educar, assim, evitaria situações como:

Sempre fui de família espírita. Era a maior dificuldade na hora de fazer a matrícula na escola, tanto minha como de meus outros oito irmãos. Na escola João Pinheiro¹⁹ a professora chegava na sala toda segunda feira, dia das aulas de Religião e perguntava: - Quem foi à missa ontem? Fique de pé por favor [...] – Ai de quem não se levantava, aí começava a sabatina: - Por que você não foi? [...] Ah, então você não é católico? [...] Era uma perseguição que não tinha fim. Os evangélicos e os espíritas, em menor parte, eram perseguidos o tempo todo pela professora de religião. Dizer que era espírita era sacrilégio e motivo de perseguição para ela. Da mesma forma ela nos arguia sempre querendo saber quem frequentava o catecismo na Igreja e quem tinha feito primeira comunhão, era uma perseguição aquilo.²⁰

A criação de escolas espíritas, além de abrir um novo caminho na História da Educação, contribuiu para a formação de um ser completo na visão espírita, mas para isso, era preciso trabalhar no homem, questões importantes como: altruísmo, respeito, assistência, criticidade, ao contrário de se realizar o proselitismo e a instrução, práticas essas vivenciadas nas escolas católicas. Laura Amazonas, mesmo sabendo da existência de uma longa estrada a ser percorrida, o seu sentimento pela infância desamparada foi mais forte, pois “tinha um carinho imenso pela infância, principalmente pelas crianças pobres, ela tinha uma preocupação enorme com essas crianças”²¹. Embora, não tenha se graduado em magistério, mantinha um interesse voltado para a

18 BEZERRA, Devanir. Entrevista concedida à autora em 01 de abril de 2009. Aracaju/SE

19 A escola está localizada na cidade de Ituiutabana no Estado de Minas Gerais. (Grifo nosso).

20 PASSES, 2008, Apud. FRATTARI NETO, José Nicola. Educandário Espírita Ituiutabano: da laicidade à fé perante as transformações na educação brasileira (Ituiutabana: 1958 – 1973). In: SAULÓEBER, Társo de Souza; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza (org). *Do público ao privado, do confessional ao laico: a história história das instituições escolares na Ituiutabana do século XX*. Uberlândia: EDUFU, Pp. 233-273, 2009.

21 SANTANA, João Batista. Entrevista concedida à autora em 05 de maio de 2010. Itabaiana/SE.



educação, de modo especial, para as crianças carentes. Para ela o importante seria possibilitar a formação espiritual e moral das crianças acolhidas pela instituição, ambas seriam o alicerce para a formação do homem. Essa vontade permitiu que o sonho nutrido por Laura não envelhecesse, sempre se fez presente nas ações voltadas para a educação. Dessa maneira, contribuindo para a construção de duas instituições espírita.

A sua colaboração para a consolidação da edificação da Escola Lívio Pereira²² primeira instituição educativa espírita do Estado que assumiria as obrigações de amparo à infância, além da escola de alfabetização: ambas seriam administradas, pelo Grupo Espírita Irmão Fêgo. No ano de 1946, grande público da sociedade local, a família espírita e a doutora Laura Amazonas assistiram ao batimento da pedra fundamental para a construção da escola. “A obra mereceu especial carinho e ajuda da benfeitora dentista Laura Amazonas. Periodicamente, essa confrade, fazia chegar às mãos do Presidente da União Espírita de Sergipe, Sr. Milton de Oliveira, o silencioso cheque de honorários para que a obra não parasse”²³. Pela efetiva colaboração da Dr^a. Laura Amazonas parte da escola foi entregue à sociedade sergipana no ano de 1948.

Após sua aposentadoria “doou seu gabinete dentário, para a Escola Lívio Pereira do Grupo Espírita Irmão Fêgo e semanalmente sempre às segundas-feiras, ela ia dar assistência odontológica às crianças daquela escola, graciosamente”²⁴, Laura Amazonas sempre se preocupou com a infância desamparada, e em:

Sessão solene, deu-se o ato inaugural do Gabinete Dentário “Dr^a. Laura Amazonas”. Às dez horas daquele dia, 20 de abril de 1952, o Gabinete Odontológico da dr^a. Laura Amazonas, tal como de sua vontade, e, nos mesmos princípios de doação em favor do próximo, estava solenemente entregue à pobreza e à criança carente das Escolas mantida pela Associação “Lívio Pereira”²⁵.

A cirurgia – dentista sempre demonstrou um imenso carinho, principalmente pela infância, “ela era uma educadora nata, uma verdadeira

- 22 O Grupo Espírita Irmão Fêgo manteve a Escola Primária Lívio Pereira e o Orfanato Nosso Lar, localizado à Rua Vereador João Claro, antiga rua Sergipe do bairro Aribé, atual Siqueira Campos. Teve sua pedra inaugural assentada em 1946, porém só foi inaugurada em 1948. A princípio a escola funcionou com o apoio da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, sendo implantada a escola noturna de alfabetização; logo depois a escola primária e o orfanato, encerrando suas atividades no decorrer de 1990.
- 23 JESUS, Antônio Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita Pioneiros em Sergipe*. 2ª ed. Sergipe, Editora Triunfo, 2006, p. 115.
- 24 SANTANA, João Batista, entrevista concedida à autora na cidade de Itabaiana/SE em 02 de maio de 2010.
- 25 JESUS, Antônio Monteiro de. *Memórias: Excertos do Movimento Espírita Pioneiros em Sergipe*. 2ª ed. Sergipe, Editora Triunfo, 2006, p. 115.





pedagoga”²⁶ e após, a inauguração da Lívio Pereira, Laura Amazonas integrante da União Espírita de Sergipe, uniu toda sua força com atividades para fundar a Escola Espírita “Casa do Pequenininho”, com a finalidade de evangelizar e educar e, assim, sempre estando à frente das campanhas de arrecadação monetária para a construção da nova instituição que para Laura seria: “A realização não total, mas a de um pensamento, de um ideal de amor, aonde manter aquelas crianças abrigadas, onde se pudesse ensinar religião a elas, acolher na educação formal e na religião”²⁷. Essa vontade aliada ao documento Base da doutrina, fez com que seguidores do espiritismo sergipano, juntamente com a odontóloga Laura Amazonas, em 1947 dessem início à idealização dessa nova instituição educativa e filantrópica, que passou a ganhar forma, de acordo com citação extraída do Livro de Atas da UES – União Espírita Sergipana: [...] Pelo confrade José Gonçalves de Oliveira, foi lida a Ata da sessão extraordinária no dia 15 de março de 1947, que foi organizada para estudo e início da campanha da Sede, Albergue e Escola.[...] onde possa funcionar uma creche, uma escola e um gabinete médico[...]²⁸. A princípio a instituição foi denominada “Casa do Pequeno Pobre”. Os espíritas sergipanos queriam acolher os que tinham sede e fome, pois pensavam que dando-lhes educação a situação de desamparo mudaria.

Mas, para isso, era preciso construir instituições, e essas também foram construídas da mesma maneira, sempre ao lado de um centro espírita. Por isso, pode-se dizer que a doutrina espírita sergipana, não diferente do movimento no Brasil, via a educação da criança pobre como ímpar, e deu início à construção de orfanatos e escolas. Assim, desempenharam um papel marcante com o auxílio à infância pobre: “a formação de centros que vão gradativamente se institucionalizando como forma de viabilizar, inclusive, o trabalho assistencialista que se constituiu num elemento forte da prática espírita”²⁹. Laura Amazonas deu sua contribuição mais ativa a Casa do Pequenininho, “Lar Meimei e Escola Amélie Boudet, mas adeptos de

26 SANTANA, João Batista, entrevista concedida à autora na cidade de Itabaiana/SE em 02 de maio de 2010.

27 RAMOS, Maurilurdes. Entrevista concedida à autora em 20 de agosto de 2011. Aracaju/SE.

28 Livro de Atas nº III de 06.02.1947 a 29.02.1964, p. 23.

29 MENEZES, Eufrázia C. O espiritismo em Sergipe. In: *Tomo Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. São Cristóvão – Sergipe, n.1, 2000, p.163.

outros grupos espíritas, também assumiram as obras assistenciais³⁰. Apenas no ano de 1949 o desejo dos integrantes da União Espírita Sergipana para a edificação da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” ganha impulso, após doação do terreno por Laura Amazonas.

No Brasil uma das práticas comum, desde da implantação das Escolas Espíritas conduzidas por Anália Franco, era o recebimento de doações que vinham tanto do poder público, como de particulares. Essa medida, “significa dizer que a responsabilidade de oferecer abrigo para os mais necessitados seguia, em grande parte, nas mãos de grupos religiosos, que recebiam fundos complementares, assim como doações de terrenos e imóveis, de fontes governamentais e filantrópicas”³¹.

Embora, tivesse sido determinado a construção de escolas espíritas, ao lado dos centros espíritas, essas nem sempre dispunham de espaços, ficando, muitas vezes, no aguardo de uma ação de caridade, envolvendo a doação de terrenos, para a construção de escolas.

Assim, de acordo com Lima, a odontóloga, fizera cessão do terreno porque:

[...] Ela com o conhecimento e entendimento da Doutrina Espírita, é claro que achou por bem, ter aquele bem dela nas mãos de quem ela entregou, para se tornar um abrigo, uma casa de crianças menos favorecidas a deixava feliz, realizada, então se ela fez isso, foi pelo entendimento dela de doação, era uma coisa muito presente nela, e a gente sabe disso, que ela teve muitos gestos de pessoas a quem ela estendia a mão, sem fazer alarde, mas que ela percebia e chegava. Então, é isso os bens dela materiais, ela preferiu reverter em doações para pessoas menos favorecidas; a quem ela acreditava que iria fazer um bom uso[...] Naquela época, o orfanato era uma salvação para as crianças que não tinham famílias. Então, ela fazia, digo mais ainda, praticando o que ela concebia, como sempre a caridade³².

30 O Centro Espírita Amor e Caridade administrava, no seu núcleo educacional, a Escola Primária Professora Zizinha Guimarães, localizada à Rua Riachão, nº 1270, bairro Cirurgia, fundada em 17 de abril do ano de 1966 e manteve suas atividades até o ano de 2010, porém foi apenas escola; dentro do seu complexo não houve a prática de asilar menores. E o Centro Espírita Caminho da Redenção manteve a Escola Major Vianna de Carvalho; desta não foram encontradas informações sobre implantação e término da escola. Os centros espíritas desenvolveram grandes obras de caridade, porém nem todas tiveram vida longa; principalmente, porque sobreviviam de doações e subvenções, muitas das vezes incertas, o que dificultava a sobrevivência das crianças dentro dessas instituições. Esse foi um dos fatores que pode ter contribuído para o fechamento das outras escolas espíritas do estado de Sergipe.

31 RIZZINI, Irma. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da Assistência até a Era Vargas. In: PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (orgs.). *A arte de governar crianças*. Rio de Janeiro. Instituto Interamericano Del Nino, Editora Úrsula, 1995, p. 35.

32 LIMA, Edilma Menezes Santos. Entrevista concedida à autora em 24 de setembro de 2014. Aracaju/SE.



Em 25 de dezembro de 1949, aconteceria a cerimônia de assentamento da pedra inaugural da Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino”, instituída pela União Espírita de Sergipe, após doação do terreno, conforme se lê no Livro de Atas do Lançamento da Pedra e Outras Inaugurações:

Aos vinte e cinco dias do mez de Dezembro do ano de mil novecentos e quarenta e nove, da era cristã, às nove horas, no terreno baldio, sito a rua N. Senhora da Glória, entre à rua Duque de Caxias e Av. Augusto Maynard, terreno este, medindo 23m80cm de largura 24m10cm. de comprimento[...] lavrado por escritura pública pela Exm^a. Doutora Laura Amazonas, à União Espírita Sergipana[...] Foi dito pelo cidadão Francisco Oliva que a presente reunião tinha como objetivo lançar a primeira pedra da “Casa do Pequenino Pobre”³³.

256



Após cessão do terreno pela Doutora Laura Amazonas para a construção da Casa do Pequenino os integrantes da União Espírita de Sergipe, passaram a defender que se proporcionasse o mínimo de educação e instrução às crianças carentes, além de protegê-las, já que essas pertenciam geralmente a famílias sem perspectivas de vida. Levando em consideração que, “a condição de pobreza, assistir e proteger a infância pobre seriam ações fundamentais para o alcance de objetivo comum”; nesse caso, a UES estaria possibilitando um futuro diferente aos órfãos. E, era o pensamento de bons frutos para o futuro daquelas crianças que impulsionavam a odontóloga e os membros da União Espírita Sergipana, fazendo com que eles não desanimassem e saíssem em busca de recursos. Esse foi um dos motivos pelo qual a doutora Laura Amazonas, além de doar o terreno sempre estivera à frente das campanhas para a edificação da Casa do Pequenino.

A União Espírita Sergipana, veterana nas atividades Evangélicas em nossa Capital, vem ativamente emprestando todos os esforços no sentido de concretizar um dos seus grandes anseios que é construir a “Casa do Pequenino”. Segundo estamos informados, dentro de poucos dias será dado início a essa extraordinária obra de caridade Cristã, pelo qual vem se empenhando ativamente as diretoras dessa Instituição, notadamente a nossa confrade D. Neyde Mesquita e Dr^a Laura Amazonas³⁴

As escolas espíritas sempre foram construídas com o auxílio da comunidade e com doações diversas, até porque, as subvenções não supriam o atendimento a todas as necessidades. A consolidação dessas obras se deu com muita dificuldade, nem sempre podiam contar com o auxílio do poder público, mesmo fazendo o papel que estaria designado a

33 Livro de Atas 05.12.49 a 23.12.1988, p.01.

34 Juvenil Espírita, 1951, p. 2.

esse. Mas se os recursos não viam do lado do governo, era preciso criar maneiras para essa arrecadação. Assim, a odontóloga Laura Amazonas e a educadora Neyde Mesquita no ano de 1951 perceberam que não podiam aguardar pelas subvenções. E, passaram a se movimentar com inúmeras atividades para a arrecadação de subsídio que auxiliariam na construção da instituição. Eram realizadas quermesses na Praça Olímpio Campos, já no período das comemorações natalinas que aconteciam na Praça Teófilo Dantas. As pessoas que iam àquele local, além do “Carrossel do Tobias”³⁵, poderiam conhecer um pouco da arte culinária do país, já que os integrantes da União Espírita montava uma tenda com aspectos culturais: havia toda uma preocupação, desde a ornamentação do ambiente ao uniforme das meninas que faziam parte da Mocidade Espírita Sergipana³⁶, jovens essas que cooperavam nos serviços da Tenda.

Toda, a renda arrecadada no evento era repassada às mãos da tesoureira da Casa do Pequenino, a benemérita Laura Amazonas que, às vezes, revertia de imediato em materiais para a construção do prédio. Outras enviando o numerário para depósito na conta da Casa do Pequenino Pobre – Obras Sociais da União Espírita Sergipana, nas instituições financeiras Bancos Rezende Leite S/A ou na Casa Bancária Freire Silveira e Cia. Ltda. As realizações das quermesses, e o que era arrecadado na tenda não cobriam todas as despesas necessárias para a construção da Casa do Pequenino.

Então, no ano de 1951 Laura Amazonas com a educadora Neyde Mesquita resolveram investir na montagem do espetáculo teatral Tapete Mágico que “levaria os espectadores a uma viagem aos diversos países do mundo, mostrando em quadros seus costumes, danças e músicas, viajando em um tapete mágico, como as histórias contadas nas páginas famosas de Mil e uma Noites”³⁷. Era preciso uma ação em que o retorno fosse de imediato, então, foi pensado em um espetáculo de teatro prevendo que o valor arrecadado com a temporada seria maior do que o angariado e outros eventos, além de servir como divertimento para a sociedade, levando-se em consideração que, nos anos 50:

35 “O Carrossel era movido a vapor, dotado de enorme caldeira e uma chaminé que lançava ao ar, fagulhas, que vistas à noite, pareciam minúsculos pirilampos que se desfaziam em fuligens, pontilhando as roupas brancas tão em moda na época”. Conferir: MELLINS, Murilo. *Aracaju Romântica que vi e vivi: Anos 40 e 50*. 3ª ed., Aracaju: Unit, 2007, p.6.

36 A Mocidade Espírita Sergipana, grupo este que visava entre outros pontos, a socialização do espiritismo por meio de movimentos de confraternização, doutrinação do Evangelho de Cristo, tinha como fundamento atrair a juventude transmitindo lhe consciência religiosa espírita. Foi fundada em 23 de novembro de 1946, inicialmente como dependência da União Espírita Sergipana, porém em 8 de julho de 1947 recebeu sua autonomia, quando então, se tornou pessoa jurídica a 28 de outubro do mesmo ano.

37 MELLINS, Murilo. *Aracaju Romântica que vi e vivi: Anos 40 e 50*. 3ª ed., Aracaju: Unit, 2007, p.153.



Aracaju, costumeiramente silenciava e adormecia após as 22 horas, com o encerramento das sessões dos cinemas, das re-tretas e o recolhimento dos bondes. Apenas alguns seresteiros e outros noctívagos que procurava a zona da boemia, os operários que demandavam as fábricas ou o guarda noturno com seu apito, quebravam o silêncio das noites³⁸.

O dia a dia na cidade era pacato e a rotina da sociedade, apenas mudava nos períodos da feira de natal, nas comemorações de carnaval, no ciclo junino, nas quermesses e quando os circos apontavam na região para suas temporadas, servindo de divertimento para a sociedade. A montagem do espetáculo alteraria a rotina da cidade, e angariaria fundos para a construção da Escola Confessional Espírita Casa do Pequeno.

Coube à doutora Laura Amazonas incumbir-se de convencer personalidades da sociedade sergipana a prestigiar o espetáculo, assim como, os pais dos componentes da peça teatral a permitir, que seus filhos fizessem parte da encenação.

Dona Neyde Mesquita, com o apoio dela e de outras senhoras, fizeram um teatro (sic) “O Tapete Mágico”. Eu fui artista do Tapete Mágico, foi, com a intervenção dela junto ao meu pai. O Tapete Mágico se apresentou em 1951, no Cine Teatro Rio Branco em quatro apresentações, toda de casa lotada. Doutora Laura tentava conscientizar as famílias para permitir que suas filhas participassem em face da finalidade da peça³⁹.

Para a realização do espetáculo foi preciso convocar dezenas de rapazes e moças da sociedade aracajuana, principalmente os que tinham uma certa desenvoltura artística, como Aglaé Fontes Alencar⁴⁰, além de jovens da Mocidade Espírita. Depois de alguns meses de preparação o espetáculo estava organizado para iniciar a temporada, que durou quatro dias, mas apesar da grande lotação, o dinheiro arrecadado não foi o suficiente para a conclusão da obra. E, Laura Amazonas tivera que aguardar longos dezoito anos de espera, apenas no início do ano de 1966, concretiza-se o que era esperado desde 1947. Chegava, então, o grande dia, em 14 de março a

38 MELLINS, Murilo. *Aracaju Romântica que vi e vivi: Anos 40 e 50*. 3ª ed., Aracaju: Unit, 2007, p.149.

39 OLIVEIRA, apud. GOMES, Iadry Aparecida Lima, VASCONCELOS, Flaviana Martins. *Evangelizar e Instruir: a prática pedagógica da Drª. Laura Amazonas (Monografia)*. Aracaju. Universidade Tiradentes – UNIT, 2008, p.13.

40 Nasceu na cidade de Lagarto, estado de Sergipe. Morou em várias outras cidades, devido à profissão do seu pai que era funcionário público federal. Escritora, historiadora e folclorista; integrante do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Membro da Academia Sergipana de Letras. Nos finais dos anos 50 cria uma escola de música em Aracaju, contribuindo para o ingresso de jovens na vida artística. Música e teatro são os pilares da educadora, que mesmo aposentada, continuou em atividade. A maioria dos seus textos versam em torno das manifestações folclóricas de Sergipe. Atualmente é diretora do Centro de Cultura de Aracaju.



Escola Confessional Espírita “Casa do Pequenino” começava a colocar em prática a Educação Espírita em favor das crianças necessitadas de afeto e da atenção do poder público.

Mesmo a Escola Confessional Espírita “Casa do pequenino” abrangendo o complexo “Escola Amélie Boudet e o Lar Meimei”, no ano de 1966 apenas a escola entrava em funcionamento. A inauguração do Lar Meimei aconteceria em 9 de abril de 1967 da mesma maneira como ocorreu na solenidade de inauguração da escola, foi possível registrar a presença de várias autoridades, dentre elas o senhor José Mesquita Neto – Presidente da União Espírita de Sergipe, Carlos Satler⁴¹ - Venerável da loja Maçônica Capitular “Contiguiba”, Capitão Djalma Farias – representante da CAPEMI; Dr^a Laura Amazonas; Dr. Benjamim Leite, e Divaldo Pereira Franco, que teve o importante papel de orador oficial da solenidade, além de representantes de vários grupos da UES – União Espírita de Sergipe. Os idealizadores da Casa do Pequenino a partir dessa data assinaram um novo compromisso, sem medir esforços para dar aos pequeninos do Lar “Meimei” esperanças de um futuro edificante que seria germinado dentro do Lar.

Ao encerramento da solenidade, fora convidada a Dr^a. Laura Amazonas⁴² para cortar a fita simbólica do Lar “Meimei”. E não poderia ser o contrário, pois no ano de 1947, naquele grupo de seis amigos que idealizaram a construção da Casa do Pequeno Pobre, foi ela quem conduziu toda a organização e se empenhou cotidianamente, e não desanimou até vê o sonho torna-se realidade.

41 Foi Venerável da loja Maçônica Contiguiba, por sete mandatos e fundador da Escola de Datilografia Almirante Amintas José Jorge, durante a gestão de 1971 a 1973. Conferir: NASCIMENTO, José Anderson. *A contribuição da maçonaria para a prática educativa em Aracaju (1970-1980)*. São Cristóvão. Núcleo de Pós-Graduação em Educação/UFS, 2010 (Dissertação de Mestrado).

42 Ainda em vida Laura Amazonas deixou em testamento, como doação, três casas, uma situada a rua Santa Luzia, 146, e duas a rua de Estância 392 e 398 para auxiliar nas despesas com a Casa do Pequenino.

Figura 1 – Primeira turma de Internos do Lar “Meimei”. Autoria: Desconhecida. Ano: 1967



Acervo: Casa do Pequeno.

No registro fotográfico, da esquerda para a direita é possível registrar a presença de Laura Amazonas; Neyde Mesquita, Maria de Lourdes; senhor Davi; José Mesquita Neto e Orlando Macedo. As crianças da fila da frente são: Maria da Anunciação, Pedro Mendes, Paulo Mendes, José dos Santos, Maria Rosa. Na fila de trás estão: Luís Fernando, Daniel Nascimento, Davi Nascimento e José Augusto. Após a inauguração, os alunos foram chegando, cada um à sua maneira, com sua história de vida, juntando-se a outras tantas histórias que contribuíram para a construção de uma memória coletiva⁴³. A forma como essas crianças chegaram à instituição foram diversas; algumas pela ausência de condição dos pais em poder educá-las, outras porque eram órfãs de um dos genitores, o que acabava acarretando dificuldades na criação dos filhos. O certo é que com a chegada das crianças, foi possível colocar em prática a Pedagogia Espírita⁴⁴ tão idealizada por Laura Amazonas.

43 “Memória coletiva se alimenta de imagens, sentimento, ideia e valores que dão identidade a uma determinada classe, e possui um poder de difusão. Conferir: Bosi, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.16.

44 “Objetivando desenvolver no aluno (que será o Homem de Bem do futuro), o amor à Humanidade. Só então, serão dissipados as desigualdades sociais e o bem prevalecerá”. Conferir: *Manual da Escola Espírita*. 3 ed. Brasília: Ed. Auta de Souza, 2007.



Considerações

Na passagem dos século XIX ao XX os espíritas brasileiros apoiados no lema “Fora da caridade não há salvação”, aprovaram o Documento Base da Doutrina Espírita, tendo como um dos seus pontos a edificação de escolas pelo país.

Assim, a odontóloga, ou simplesmente Dona Laura, teve como base essa documentação, passando a se empenhar pessoalmente na construção de escolas espíritas, principalmente com o complexo de Educação Espírita “Casa do Pequenino”. Para ela o importante seria educar as crianças menos favorecidas, acreditando que “sonhos não envelhecem”, Laura Amazonas vivenciou parte do seu desejo, pois dois anos após, a inauguração da Casa do Pequenino, veio a falecer, deixando a sua contribuição à História da Educação Espírita em Sergipe.

A memória da Doutrina Espírita Sergipana é formada por marcas da odontóloga, ao ponto da história das instituições espíritas no Estado de Sergipe se confundir com a trajetória de Laura Amazonas.

